

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

PIBID MÚSICA E PRÁTICA PEDAGÓGICO-MUSICAL: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO ENVOLVENDO COTIDIANO E PRÁTICA MUSICAL

Ana Paula A. Sobczak¹
Jéssica de S. M. Mendonça²

Resumo: O trabalho apresenta a experiência de atuação no subprojeto de Música do PIBID da Universidade Estadual de Ponta Grossa, realizado em uma escola da rede pública de ensino do município, e tem como principal objetivo discutir duas atividades realizadas, sendo uma sobre ‘Rock e os elementos formais do som’ e a outra referente a uma experiência de prática musical com os alunos, que integrava canto, violão, percussão e flauta. Foi possível avaliar que a maioria dos alunos conseguiu assimilar o conteúdo mais efetivamente por ter sido trabalhado com recursos que fazem parte do seu cotidiano e por ser um contexto mais próximo da sua realidade auditiva. Os momentos de prática musical proporcionaram reflexões sobre a importância do planejamento no momento da realização das atividades e a necessidade deste ser flexível e estar elaborado detalhadamente.

Palavras-chave: PIBID. Prática musical. Cotidiano.

Introdução:

Atualmente estamos em processo de formação docente, que é uma função das mais importantes por estar presente na formação de todas as áreas profissionais dos cidadãos. Considerando que a realidade acadêmica é diferente da realidade escolar, surge a necessidade de projetos que aproximem o acadêmico do contexto escolar. Nesse sentido, o PIBID tem se consolidado como um importante programa de incentivo à formação docente para a Educação Básica. Por meio da concessão de bolsas e parceria com escolas da rede pública o projeto promove a inserção dos acadêmicos das licenciaturas desde o início dos cursos, realizando atividades que são orientadas por um professor da escola e também por um professor da universidade.

O objetivo deste trabalho é apresentar as nossas experiências enquanto acadêmicos participantes do projeto, dentre elas nossas participações diretas com os alunos através de duas oficinas, sendo que na primeira foi trabalhado o ‘Rock e os elementos formais do som’ e a segunda foi uma experiência de prática musical com os alunos, que integrava canto, violão, percussão e flauta.

Prática pedagógica, cotidiano e prática musical

Ingressamos no subprojeto de música logo no seu início, em agosto de 2012. Iniciamos nossas atividades em uma escola estadual situada numa região periférica de Ponta Grossa, que era considerada uma das regiões mais violentas da cidade, quadro que atualmente

¹Graduanda no curso de Licenciatura em Música da UEPG, anapaulasobczak@gmail.com

²Graduanda no curso de Licenciatura em Música da UEPG, josiel.jessicamendonca@hotmail.com

já mostra um panorama bem menos preocupante. Os alunos são de classe baixa e o diretor da escola e a professora supervisora são formados em licenciatura em música pela UEPG.

O subprojeto era integrado inicialmente por 8 acadêmicos, uma professora supervisora e um professor orientador, mas atualmente aumentou o número de acadêmicos para 12, duas professoras supervisoras e duas escolas. Semanalmente temos também uma reunião do projeto que envolve todos os participantes, orientadores, acadêmicos e supervisores. Todas as atividades realizadas pelo subprojeto procuram “concretizar o sentido da práxis educativa, sendo subsidiado pela teoria produzida na área da Educação Musical, orientações do professor coordenador e professor supervisor, bem como as já citadas reuniões semanais do grupo.” (SEBBEN; STORI, 2013, p. 1152).

Os acadêmicos trabalham em duplas, sendo que cada dupla tem seu dia na semana para fazer as observações em sala de aula, em turmas de 7º, 8º e 9º ano e também Ensino Médio. As observações têm como objetivo conhecer as metodologias de ensino empregadas pelas professoras, os tipos de avaliação realizados, o comportamento dos alunos, os conteúdos ministrados, entre outros aspectos. Particularmente havia uma curiosidade de como a professora fazia a ligação entre a sua formação, que é licenciatura em música, com as demais áreas de arte (artes visuais, teatro, dança), pois este é considerado um dos obstáculos encontrados pelos professores de música nas escolas de Educação Básica. Romanelli (2008, p. 127) comenta a esse respeito:

A cultura da polivalência pode ser considerada outro obstáculo, pois, como ainda ocorre em muitas escolas, o professor da disciplina de arte é responsável por ministrar aulas em várias linguagens artísticas, em especial, artes visuais, música e teatro. Essa tradição origina situações em que a música divide o planejamento com as outras linguagens artísticas: as artes visuais, o teatro e a dança. Geralmente a primeira ocupa maior espaço, em função do número de habilitações ofertadas para essa área.

Entretanto, nas observações pudemos perceber que, apesar da necessidade de abordar as outras áreas artísticas, a professora sempre tem a música como norteadora de seu trabalho em sala de aula. Nesse contexto fica ainda mais visível a importância do acadêmico estar em contato com um profissional em sala, vivenciando a realidade escolar.

Ao longo da realização do projeto tivemos a oportunidade de estar à frente dos alunos ministrando aulas e oficinas. Assim, o principal objetivo do presente trabalho é apresentar um relato da realização de duas atividades: uma aula sobre os elementos formais do som, a qual foi realizada com base no gênero musical Rock; e uma oficina sobre percussão.

A aula com o tema “Rock e os elementos formais do som”, foi realizada como parte de uma série de intervenções que tinham como objetivo trabalhar os elementos formais do som por meio de gêneros musicais do cotidiano dos alunos. A proposta dessa atividade surgiu a partir da preocupação da professora supervisora com relação ao entendimento dos alunos sobre assuntos relativos aos elementos formais do som. A escolha do gênero foi feita através de um questionário aplicado em toda a escola no período matutino, através das respostas obtivemos quatro gêneros, dentre eles o rock. Esta seleção através de questionário foi uma tentativa de aproximação do conteúdo de música com o cotidiano dos alunos, expresso por meio dos gêneros musicais selecionadas por eles. Souza (2000, p.175) traz considerações a esse respeito:

Pensando na prática da Educação Musical, o diálogo com as teorias do Cotidiano abre para reflexões bastante enriquecedoras, à medida que as ações didáticas propostas procuram reconstruir uma dada realidade, retratando as experiências e vivências musicais concretas dos alunos fora do cotidiano escolar. Aproximando a aula de música desse real, com referenciais teóricos sólidos, introduzem-se inúmeros desafios. Entre eles, a necessidade de compreender o papel da música para nosso aluno e de que forma podemos nos aproximar e interagir com esse conhecimento.

A atividade foi organizada a partir de um plano de aula previamente elaborado ao longo das reuniões do grupo. Trabalhamos primeiramente uma breve história do rock para contextualizar os alunos, e no desenvolvimento da aula trabalhamos com as propriedades do som demonstrando por meio de músicas de algumas das principais bandas do Rock mundial.

2026

Foi possível avaliar que a maioria dos alunos conseguiu assimilar o conteúdo mais efetivamente por estarmos trabalhando o conteúdo com recursos que fazem parte do seu cotidiano e por ser um contexto mais próximo da sua realidade auditiva. A participação dos alunos na aula foi bem maior, eles davam opinião sem medo de errar se sentiam mais a vontade para participar, sendo assim a aula teve um grande caráter dialógico.

A segunda atividade realizada foi uma oficina de prática musical. A atividade integrava uma série de quatro oficinas, as quais foram realizadas ao mesmo tempo por uma dupla de acadêmicos. Cada oficina abordava um aspecto de uma música previamente escolhida (Meu Erro, da banda Paralamas do Sucesso): canto, violão, flauta e percussão, sendo esta última ministrada por nós e relatada no presente trabalho. A partir de um arranjo previamente elaborado ensaiamos cada parte do arranjo separadamente e no final do trabalho agrupamos todos os alunos integrantes das quatro oficinas para uma apresentação.

Havia apenas 10 alunos em nossa oficina por conta de ser final de bimestre. Esse aspecto teve o ponto positivo de facilitar o trabalho, apesar de não expressar a realidade do

número de alunos em uma sala de aula de Educação Básica. Todos os participantes eram meninos e de séries diferentes, tendo alunos do 7º, 8º e 9º anos.

No início da oficina perguntamos sobre o que eles sabiam sobre percussão e através das respostas deles fomos introduzindo o conteúdo oralmente e com vídeos sobre percussão. Após a explanação, falamos sobre a apresentação final e sobre cada grupo que estava sendo trabalhado separadamente. A maioria dos alunos já conhecia a música, mas mesmo assim colocamos a música para que todos ouvissem, então, os orientamos para que pensassem em que tipos de percussão poderiam fazer. O fato dos alunos não conhecerem elementos de percussão resultou em poucas sugestões.

O processo de aprendizagem dos ritmos propostos foi bastante longo e o fato de não termos a estrutura da música dificultou muito o trabalho. Desse modo tivemos que rever o planejamento, pois tínhamos feito ritmos diferentes para introdução, estrofes e refrão e estava sendo feito o mesmo ritmo para a música toda nas demais oficinas que seriam integradas no final. Imaginou-se que os alunos aprenderiam rapidamente o ritmo, e que a reação deles seria outra. No entanto, tivemos a oportunidade de vivenciar essa mudança em nosso planejamento, por isso o planejamento é importante e deve ser flexível, assim como afirma Romanelli (2008, p. 126):

É fundamental que o planejamento apresente os objetivos, os conteúdos e os procedimentos metodológicos do ensino relacionando as exigências educacionais com a realidade dos alunos. Deve ainda, garantir unidade e coerência na condução do trabalho docente. Finalmente deve ser flexível, permitindo uma constante atualização em função dos resultados educacionais verificados.

Depois do intervalo o trabalho rendeu mais, por conta de que foi feita a estruturação da música, e enfim a apresentação foi ótima e uma experiência muito boa. Os professores que estavam presentes na reunião pedagógica foram prestigiar os alunos dos quais foram aplaudidos.

Após essas oficinas sempre procuramos discutir e refletir, o que deu certo e o que não deu, e isso tem sido de muita valia para nós, pois, enquanto acadêmicos ainda temos a oportunidade de aprender cada vez mais por estarmos em relação direta com os alunos.

Considerações finais

Consideramos que o projeto tem sido de grande valia, e acreditamos que não só na área de música, mas em todas as licenciaturas que aderiram ao projeto. O PIBID tem trazido

grandes reflexões e várias experiências que talvez teríamos somente no momento de exercer a docência por si na sala de aula. Podemos perceber através de nossa ação na escola que cada escola tem sua identidade, cada turma tem sua identidade e enfim cada aluno aprende de uma maneira diferente, uns com mais facilidade, outros com menos, cabendo ao professor se dedicar em fazer seu trabalho.

Na aula em que foi trabalhado o Rock e os elementos formais do som foi possível perceber que se o professor conseguir fazer uma ligação com o conteúdo e o cotidiano do aluno a assimilação do conteúdo é muito mais efetiva, pois os alunos conseguiram facilmente identificar os elementos formais do som nas músicas que ouviram em nossa aula.

A oficina de prática musical foi bastante significativa, pois trabalhávamos com alunos sem experiência nenhuma com música, e a forma como foi conduzida a oficina era diferente do habitual. Isso levou a muita expectativa se a aula iria ter sucesso, no entanto o resultado final foi impressionante, pois conseguimos executar a música com todos os alunos. Essa experiência só foi possível pela oportunidade de fazer parte do PIBID.

O projeto tem nos proporcionado a convivência com os alunos, professores e escola. Cada planejamento que fazemos e cada texto discutido em reunião têm contribuído em nosso conhecimento e levaremos este conhecimento para quando mais tarde fomos exercer a docência.

2028

Referências

ROMANELLI, Guilherme G. B. Planejamento de aulas de estágios. IN: MATEIRO, T.; SOUZA, J. (Orgs.). **Práticas de Ensinar Música**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 130-142.

SEBBEN, E. E; STORI, R. Formação de professores de música: a experiência de um projeto de iniciação à docência. In: 21º CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, Pirenópolis-GO. **Anais...** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 1149-1159.

SOUZA, Jusamara (Org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.